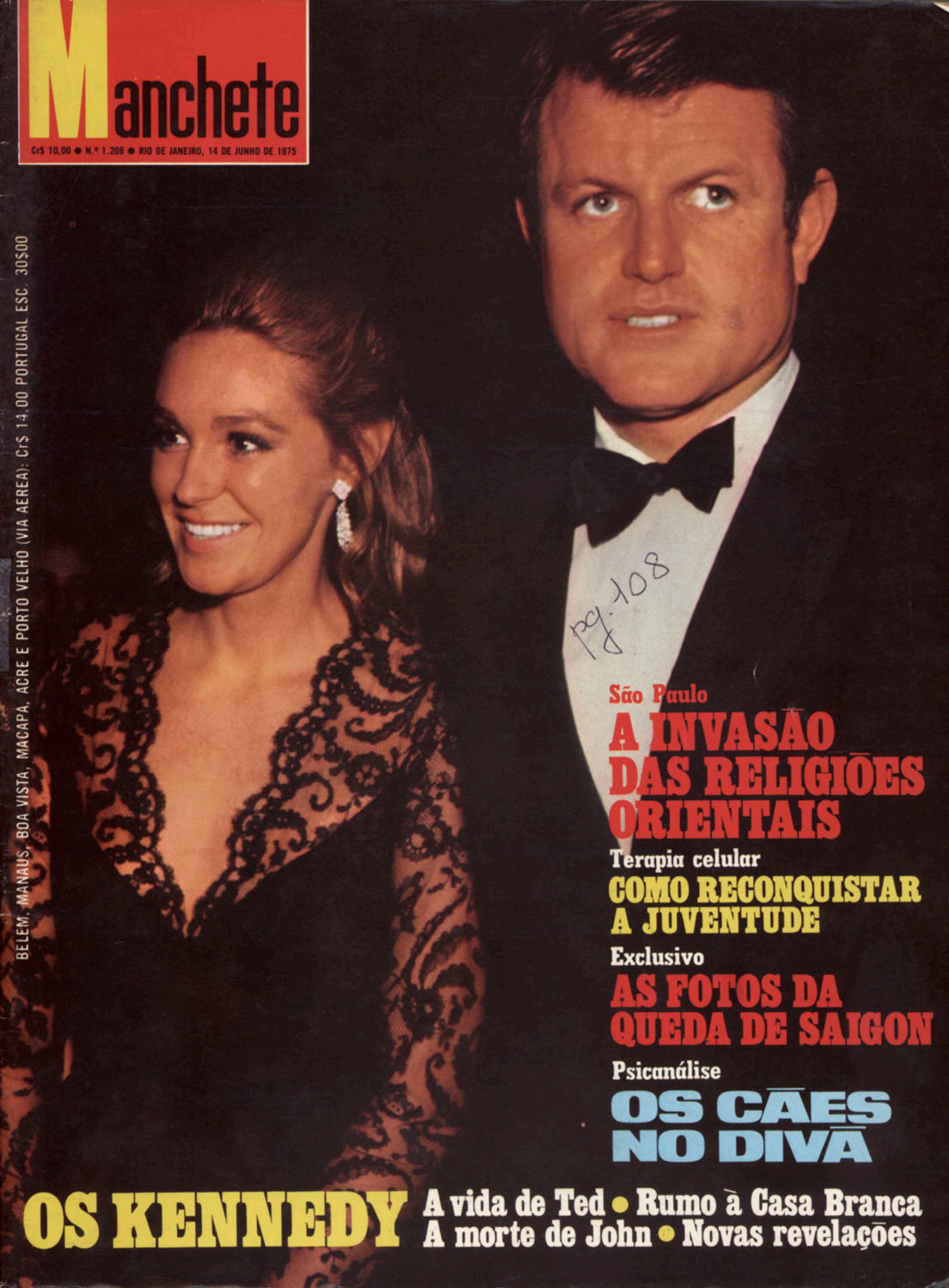


BELEM, MANAUS, BOA VISTA, MACAPA, ACRE E PORTO VELHO (VIA AEREA): Cr\$ 14,00 PORTUGAL ESC. 30\$00



804-708  
D. J. P.

São Paulo

## A INVASÃO DAS RELIGIÕES ORIENTAIS

Terapia celular  
**COMO RECONQUISTAR  
A JUVENTUDE**

Exclusivo  
**AS FOTOS DA  
QUEDA DE SAIGON**

Psicanálise  
**OS CÃES  
NO DIVÃ**

**OS KENNEDY** A vida de Ted • Rumo à Casa Branca  
A morte de John • Novas revelações



A dupla de artistas mais polêmica da música popular brasileira vai se reunir pela primeira vez num espetáculo no Rio

# CHICO E BETÂNIA

## Dois na gangorra

Reportagem de Celina Luz • Foto de Antônio Trindade

Chico Buarque é de pouco falar e se expressa muito pelos olhos verdes: "Sou fascinado por Betânia." A baianidade dela a conduz a muitas expressões gesticuladas: ama Chico Buarque; transformou-o em seu compositor predileto; acha uma festa comemorar 10 anos de carreira ao lado dele, num espetáculo.

Chico e Betânia — é o nome do show — vão cantar juntos no Canecão. Ele — sozinho ou com Betânia — cantará praticamente só músicas suas. Entre essas, várias novas (Gota d'Água, Bem Querido, Sem Açúcar, Vai Levando) e uma que não é nova mas é inédita: Flor da Idade. E Notícia de Jornal, de Haroldo Barbosa e Luís Reis. O repertório de Betânia inclui músicas de Chico, Lupiscínio Rodrigues, Raul Seixas (Gita), Herivelto Martins e David Nasser (Camisola do Dia), a versão de Chico de Sonho Impossível, Paulinho da Viola, Toquinho e Vinícius, Caetano e Gil. Os dois estão dispostos a tornar, no palco, realidade a mensagem de uma das letras de Chico: "Mesmo com toda a fama / com toda a brama / com toda a cama / com toda a lama / A gente vai levando."

De certa maneira, os dois sempre cantaram. Ela desde criança, em Santo Amaro da Purificação. Já era sua distração, e ocupação favorita. Quando veio para o Rio, pela primeira vez, estava com 17 anos. Agora, chega às vésperas dos 28. "Nunca tinha saído da Bahia. Cheguei no meio de uma tempestade que me apavorou. Morro de medo de trovoadas. Copacabana estava negra, parecia noite, às três da tarde. Quis voltar, naquela hora, para Santo Amaro. Vim com Caetano porque meu pai não me deixou vir sozinha. Achando que era rápido o que eu ia fazer aqui. Pelo que me contaram, minha participação no Opinião seria por poucos dias. O espetáculo, tudo obra dos três artistas: eles, suas vidas, sua visão etc." Por ser baiana, do interior — é Betânia quem analisa assim — ela passou a fazer uma personagem: uma nordestina. "Não era Maria Betânia. Também não era difícil. Só depois de muito tempo, é que fui perceber o que estou dizendo agora. Tornei-me uma profissional, ali, de repente."

Chico diz que para ele, no começo, fazer música "era tudo

uma brincadeira".

"Eu fui levando. Depois deixou de ser brincadeira. Como compositor, continuo a ser lúdico, faço música quando quero. Ou quando posso. Mas como artista e cantor não há mais brincadeira. Trabalhar cinco meses no Canecão vale por uma tarefa."

Betânia está às vésperas de seus 28 anos (dia 18), e Chico alcançará logo os 31 anos (dia 19). Ele confessa que fica meio triste com isso. São, portanto, 10, ou pouco mais, de carreira. O seu primeiro trabalho semiprofissional (Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto) data de 1965. O primeiro realmente profissional foi a participação num Festival da Excelsior. No mesmo ano, ganhou seu primeiro cachê como cantor, cantando Pedro Pedreiro.

Chico diz que basicamente trabalha sozinho. E repete: "Normalmente, componho sozinho. Mas fiz isso em parceria, algumas vezes, nesses 10 anos. A primeira foi com Toquinho. E depois com Vinícius, Tom, Francis Hime, Carlos Lira, Rui Guerra, Gil e agora com Caetano (Vai Levando). Na minha maneira de trabalhar, há muito dic. A maioria das músicas é feita assim. Principalmente quando

estou em processo quente." Mas também há outra maneira dele criar:

"Às vezes preciso do que chamo um estimulante artificial. Foi o caso de agora, o do filme Quando o Carnaval Chegar, de Cacá Diegues, o do filme de Hugo Carvana. Enfim, é uma idéia que me vem ou é sugerida. Dou exemplos: Com Açúcar e Com Afeto foi Nara Leão que me pediu. Queria música que falasse dessas ternuras de mulher. O Vai Levando foi idéia de Caetano. Não discuto o resultado, acho que é válido em qualquer caso, mesmo quando muda, às vezes, da intenção à realização. Betânia analisa o fato de ter-se tornado imediatamente uma profissional:

"Durante muito tempo, isso me fez muito feliz, muito triste, me deu todo tipo de emoção. Hoje, canto com calma, com a certeza de mais alegrias do que de outra coisa. O sucesso de Carcará me lançou loucamente no Brasil inteiro. De repente, fiquei quase sem vida própria, sem possibilidade de escolha. E pensei que se era aquela, a profissão, não queria. Decidi que não queria. Fui para Santo Amaro e fiquei durante sete meses. Igual como eu era. Depois voltei. Decidi que queria fazer as coisas de meu jeito." Começou com um show na boate Cangaceiro. "E era Maria Betânia, era eu, do meu jeito. Pela primeira vez. Daí em diante, nunca mais permiti que nada me tirasse esse direito de, em cena, ser inteira e verdadeira."

### Ela se sente mais feliz no palco

Depois da primeira experiência, vieram vários outros espetáculos em boates, até ela encontrar Fauzi Arap. "Conheci o Fauzi e resolvi fazer espetáculos de teatro. É o que mais gosto de fazer, é onde me

sinto mais à vontade e mais feliz. Fiz Comigo me Desavim, Brasileiro, Profissão Esperança — que foi importantíssimo como aprendizagem. Bibi Ferreira, maravilhosa, foi quem me ensinou pelo menos a metade do que sei de palco, de teatro — Rosa dos Ventos, Drama, Luz da Noite (Isabel Câmara e Antônio Bivar), e Cena Muda, de volta com o Fauzi. E agora, Chico e Betânia, essa festa, essa comemoração."

Era domingo à noite, um ensaio já com as marcações, todo corrido, e duas músicas ainda não tinham sido liberadas. Um dos responsáveis viajou na segunda-feira para tentar, em Brasília, a solução. Por isso Chico disse:

"É uma tensão contínua. Duas músicas, num espetáculo assim, pesam muito. Muda tudo. No dia em que soube que ainda havia problema com Tanto Mar e Rumba do Bordo! — que é quase um balé — mal consegui ensaiar. Ele se explica mais: "Conscientemente, tomei uma posição política. E o fiz como ser humano. Não como artista. Minha música não é política. Às vezes tem conteúdo social. Mas não me considero um cantor de protesto, no sentido usual da palavra. Claro que as coisas acabam se misturando. É inevitável. O artista não faz, necessariamente, a crítica social. Mas a leitura dos jornais, a observação do cotidiano, aproveito tudo. A leitura dos jornais, principalmente, é essencial para o meu trabalho. Tanto quanto a fantasia. E com isso vem a fusão, confusão, transfusão. É importante."

Para Chico Buarque, o papel que o artista exerce, no Brasil, ou em qualquer outro país, é o mesmo. Se existe um desejo de contribuir, influir no processo de desenvolvimento do ser humano, acha que, no seu caso, é intuitivo. E acha ainda que é isso que se passa com todos os artistas. O seu meio é a música. "A música, no Brasil, enche os teatros. O cinema, não. A televisão, não. A maneira mais popular de se passar qualquer coisa, é a música."

Música que Chico Buarque faz e e



Betânia — extrovertida — e Chico, pretensamente retraído, dão o seu recado num show em que cantam músicas novas e velhas.

canta, de maneira diferente a partir do que ele chama "um acidente". "João Gilberto foi e continua sendo a perfeição, como cantor. Harmonias dissonantes, maneira de cantar. Foi uma epidemia. Agora, com a mesma admiração que tenho por ele, me libertei um pouco desse jugo. A partir do show com Caetano na Bahia. Ele começava a cantar Cotidiano e depois ia passando para mim. Seu tom de voz é mais alto e quando chegou minha vez de entrar, isso me obrigou a soltar a voz, a gritar, para alcançar o

mesmo tom."

Para Maria Betânia, na vida, duas coisas são importantes: "Amor e trabalho. Minha vida é o que apresento no espetáculo. Nunca escondi nada na minha vida, inclusive porque trabalho no palco. Eu não minto. E a isso atribuo o respeito que tenho do público. Entre as coisas que me fizeram muito feliz, na carreira, uma foi ser convidada para substituir Nara Leão. Foi uma

coisa que me deu um pique muito grande. Tenho respeito pelo trabalho e pela criatura. Acho-a fascinante, um ser humano extraordinário. Daí para cá, o modo dos meus espetáculos serem recebidos pelas pessoas tem sido a coisa mais legal que eu poderia esperar. Aquela brincadeira que fiz em Rosa dos Ventos de, no dia do meu aniversário, levarem um presente em vez de comprar ingresso, gosto muito. Virou quase tradição. As pessoas cobram."

### Para as filhas, ele faz magia

"Sou uma cantora à margem — continua. Meio esquisita. Trabalho de um jeito solitário, sem permitir que nada, nem ninguém, atrapalhe minha vontade, minha liberdade. Hoje, fazendo esse espetáculo com o Chico, estou achando o maior barato. Adoro ele. Sinto que estou exatamente como queria estar. Uma coisa equilibrada. Naquela do Vai Levando, sim, mas eu com as rédeas." Chico Buarque, o soi-disant tímido, retraído — Betânia não concorda, inclusive a respeito de entrevistas — também curte sua comunicação com o público. "A comunicação comigo é muito grande. Quando a plateia reage com mais calor, me esquenta. Sou muito sensível à reação do público. Um assvio, qualquer coisa fora do previsto me incomoda. Imagine que tem gente que até namora e tal. O máximo que eu faço, às vezes, é fixar os olhos num ponto: um balde de gelo, um reflexo qualquer. Nunca num rosto. Mas de repente se a massa, que não estou visualizando, se manifesta, é um negócio mágico. Procuo me abstrair, e quando estou bem comigo, é fácil."

Essa concentração é uma característica em relação às suas atividades. Ouve música, muito pouco. Quando o faz é com toda a atenção. "O que mais detesto é música de fundo. Me distrai, me divide. Se eu quiser me distrair, faço qualquer outra coisa, nunca ouvir música." A leitura também não é distração. "Distração é jogar futebol." O livro que escreveu não foi um hobby.

"Não pode ser tomado assim. Foi trabalho de um ano. Eu costumava ir escrevendo, sem continuidade. Aí peguei três meses de férias durante os quais escrevi o livro. Quando voltei ao Brasil, desmarquei tudo quanto era show porque estava inteiramente tomado por ele. Com a peça estava assim, também. No livro acabei criando uma rotina, trabalhando de oito a nove horas, todos os dias. Mas tenho aquelas fases de dispersão muito grande. Procuo lutar contra, embora ache que faz parte deste trabalho passar uns tempos disponível. Ao mesmo tempo isso me angustia um pouco, dá uma enorme sensação de desperdício."

"A vida, a gente vai levando. Curto casa, filhas, futebol, papo com amigos. O relacionamento com Sílvia (seis anos) e Helena (quatro) é muito bom. Não faço show para elas, viu? Faço magia. Sou péssimo, mas elas me prestigiam. Marieta, se não fizesse teatro, ou filho, ficaria doente. Tem que ser. E às vezes ela faz os dois ao mesmo tempo. Parou no domingo, a barriguinha já estava muito saliente. Acho que mulher tem que trabalhar. Eu, estando trabalhando, estou melhor com tudo. Não estou falando do trabalho do Canecão. No palco me sinto bem, mas a expectativa, o dia em que tenho o compromisso, fico meio preso, não é legal. Mas na hora, é bom." Compensa.